

SISTEMA FAEP



**Mala Direta
Postal**
9912271704-DR/PR
SENAR

CORREIOS

BOLETIM

INFORMATIVO

A revista do Sistema

Ano XXVII n° 1207 - 04/03/2013 a 10/03/2013

Tiragem desta edição 24.000 exemplares semanais



BOA SAFRA, MÁ INFRAESTRUTURA

Máquinas

.....
Contenha a emoção.

Etanol

.....
Falta uma política

Mulher

.....
Dia Internacional

Aos Leitores



O jornal “Valor Econômico” informou que a chamada Transnordestina – ferrovia que corta estados nordestinos só ficará pronta em 2015. Foi iniciada em junho de 2006 no governo Lula que prometeu inaugurá-la em 2010. Se tudo correr melhor que o cronograma anunciado, serão dez anos de espera.

Há promessas de que neste mês de março o governo federal anuncie projetos para a construção de ferrovias no país, alguns trechos no Paraná. A esperança é que não se repita a cena nordestina.

O cenário que tende a se repetir a partir do final deste mês e em abril são os congestionamentos inevitáveis causados pelo transporte da boa safra paranaense, do Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Setenta por cento das milhões de toneladas de grãos estarão em cima de milhares de caminhões com destino ao porto de Paranaguá. A infraestrutura e a logística são lamentáveis. Há mais de dez anos nosso estado não vê obras fundamentais em ferrovias.

O campo garante o controle da inflação e a balança comercial brasileira, mas a grande produção empaca por falta de investimentos na infraestrutura.

Índice

Monsanto: o adiamento dos royalties	03
SaFra / InFraestrutura	04
Opinião: Logística da Agricultura	10
Custos da Pecuária	12
E o etanol?	14
Controle do governo	16
Mercado de máquinas	18
Embalagens/FUNDEPEC	23
Eventos Sindicais	24
Dia da Mulher	26
Via Rápida	28
Gira Mundo	30
CONSECANA	31

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Av. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Lisiane Rocha Czech **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

Av. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon
Editor: Hélio Teixeira | **Redação:** Hemely Cardoso e Katia Santos | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

O adiamento da cobrança de Royalties da soja RR1 no país

No último dia 21, o ministro Ricardo Villas Boas Cueva, do Superior Tribunal de Justiça (STJ), negou o recurso especial da Monsanto, que pretendia ampliar a vigência da patente da soja RR1. O ministro entendeu, seguindo jurisprudência da Segunda Seção do STJ, que a patente vigorou até 31 de agosto de 2010. Ou seja a questão da validade da patente continuará sendo discutida na justiça.

Diante disso a Monsanto emitiu uma nota oficial com o seguinte teor:

“A Monsanto trabalhou com diversas lideranças do setor rural do Brasil para estabelecer um caminho no que diz respeito à soja RR1 no país. Em consequência, a empresa adiará a cobrança de royalties da soja RR1 no Brasil, até que haja decisão final da justiça.

A companhia pretende continuar documentando e mantendo as informações comerciais relativas àqueles que usam a soja RR1 durante este período de adiamento na cobrança.

No Brasil, a soja RR1 é protegida por vários direitos de propriedade intelectual, inclusive patentes. De acordo com a legislação brasileira, a Monsanto busca corrigir o prazo de uma de suas patentes brasileiras para essa tecnologia até 2014. Esse assunto ainda está pendente de decisão judicial e a Monsanto recorreu da recente decisão do Superior Tribunal de Justiça. Após manifestação final do STJ, a decisão definitiva ficará a cargo do Supremo Tribunal Federal.

Os agricultores que preferirem uma solução imediata e definitiva podem fazê-lo por meio de uma versão simplificada do termo de quitação geral. Os agricultores que assinaram a primeira versão desse termo poderão mantê-la, encerrá-la ou substituí-la pelo novo documento que está disponível no site: www.monsanto.com.br

A Monsanto e as lideranças rurais reconhecem que a

biotecnologia tem um importante papel na agricultura brasileira ao proporcionar maior eficiência no campo e aumento de produtividade. Também reconhecem que a propriedade intelectual e o pagamento das tecnologias a cada uso viabilizam a inovação. A Monsanto continua aberta ao diálogo com os agricultores e seus representantes de forma a pavimentar o caminho para novas tecnologias na agricultura brasileira. Esclareça dúvidas

1 - O produtor deve pagar os royalties da soja RR1?

Não. A Monsanto comunicou que adiou a cobrança de royalties da soja RR1 no Brasil até que haja decisão final no Supremo Tribunal Federal. A empresa pretende continuar documentando e mantendo as informações comerciais relativas aos produtores que usam a soja RR1 durante este período de adiamento da cobrança.

2 - Assine o acordo com a Monsanto que continha os termos de quitação geral e o de licenciamento da soja Intacta RR2. Como posso proceder?

Há três opções: manter o acordo, cancelar o acordo ou substituir pela nova versão do acordo. Essa nova versão está disponível no site www.monsanto.com.br - nas cooperativas e revendas da Monsanto. O novo acordo excluiu os termos de licenciamento da soja Intacta RR2, mantendo apenas as questões referentes a soja RR1. Não foi definido ainda um prazo final para assinatura do acordo.

3 - Se não assinar o acordo é possível entrar com uma ação judicial?

A decisão de assinar o acordo é individual, de cada produtor. Portanto, aquele que optar por não assinar, poderá entrar com uma ação judicial solicitando a devolução do que pagou após agosto de 2010.

Safra robusta, mas cadê a infraestrutura?

No início de fevereiro um grupo de produtores norte-americanos que visitou propriedades no Paraná esteve na sede da FAEP onde conheceram o perfil do agronegócio do Estado. Ficaram surpreendidos e com a pulga atrás da orelha com a pujança da produção de grãos, porque, afinal, o Brasil é o maior concorrente dos americanos nesse mercado. Mas consideraram “um desastre” a infraestrutura e logística existente para suportar os crescentes e caudalosos números da safra.

Os produtores paranaenses não se surpreendem com o perfil do agronegócio porque são partícipes dele, mas certamente concordam com a reação dos gringos diante da caótica infraestrutura e logística existente.

Há mais dez anos não se vê uma obra rodoferroviária no Paraná e o Porto de Paranaguá, vital para a economia do país, enfrenta problemas.

Pelos levantamentos realizados pela Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab) a produção estimada da safra de grãos de verão 2012/13 era de 22,7 milhões de toneladas, o que representa um crescimento de 26% sobre o mesmo período do ano passado. Desse total, 15,3 milhões de toneladas correspondem à produção de soja e quase 7 milhões de toneladas à produção de milho da primeira safra (verão), as duas culturas que mais destacam a produção agrícola no Estado.

No ano passado o Porto de Paranaguá exportou 6,4 milhões de toneladas de soja e 4,2 milhões de toneladas de milho (21% das exportações brasileiras). Tomando-se por base esses números, embora a maior produção na atual safra indique maiores exportações, são necessários 220 mil caminhões de 30 toneladas para levar os grãos ao porto, levando-se em conta que 30% da produção segue por via ferroviária.

A soja plantada precocemente no Sudoeste, por exemplo, está sendo colhida, o mesmo ocorrendo com o milho safrinha. Resultado dessa sobreposição: falta armazenamento (veja pg). Mas o pico da safra vai ocorrer em fins de março e início de abril e aí a cobra vai fumar nas estradas paranaenses.

Caminhoneiros de todo o país virão ao nosso estado em busca de fretes que já aumentaram 20%, a nova lei de descanso dos motoristas vai atrasar a viagem, mas todos têm como primeiro alvo a BR-277, na altura de Ponta Grossa, o grande entrocamento rodoviário estadual, ou via Palmeira a quem vem do oeste. Junta-se a esses caminhões aqueles que vem do Mato Grosso do Sul e de Mato Grosso.

O rumo inicial é Curitiba e em seguida descarregar no Porto de Paranaguá. A capital que possui contornos precários, temas recorrentes diários em programas de rádio matinais com reclamações de usuários, terá a presença de milhares de caminhões. Faltarão programas de rádio para tantas reclamações.



Fotos: Milton Dória, APPA, Lineu Filho e Rogério Theodorov



300 mil caminhões

A estimativa da safra 2013 é de aproximadamente 22 milhões de toneladas de grãos, 23% maior que a do ano passado. Já a movimentação de grãos pelo Corredor de Exportação, estima a Administração do Porto (Appa), deve chegar a 19,8 milhões de toneladas, volume 24% superior ao registrado em 2012.

Esse volume, levando-se em conta que 30% da safra é transportada por via férrea, demanda mais de 300 mil caminhões, que vão e voltam do porto contribuindo para congestionamentos sem contar a possibilidade de aumento no índice de acidentes.

Sérgio Malucelli, presidente da Federação das Empresas de Transporte de Cargas do Estado do Paraná (Fetranspar), estimou que durante a safra de grãos cerca de 2 mil caminhões com o produto chegarão diariamente ao Porto de Paranaguá.

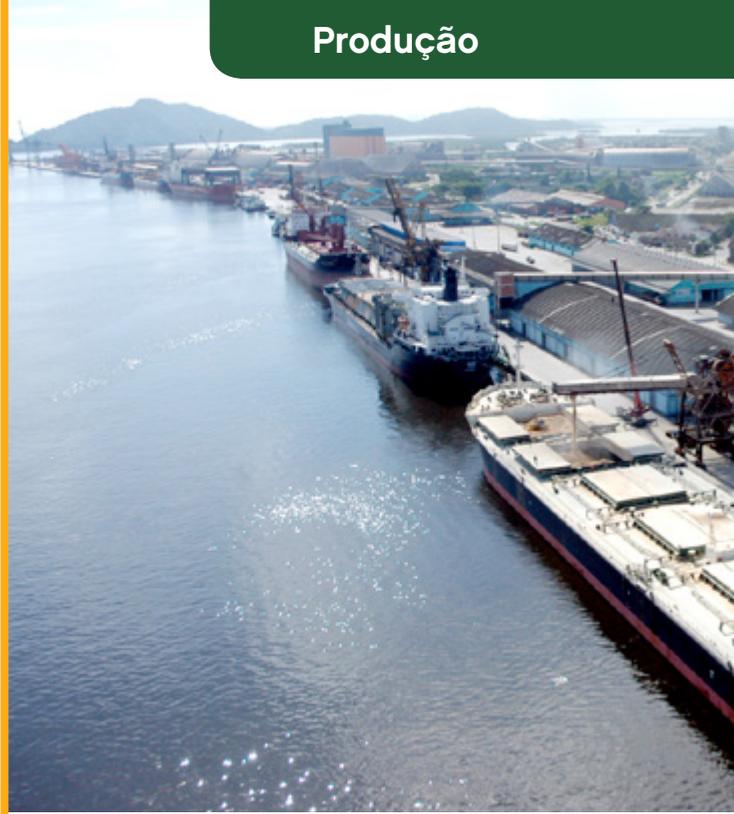
No início de fevereiro o governador Beto Richa anunciou “um planejamento inédito de prevenção para minimizar os gargalos no Porto de Paranaguá. Com a sincronia de todos os setores, atingiremos maior eficácia operacional e conseguiremos atender com agilidade a safra recorde”, disse o governador.

COMUNICAÇÃO - Para orientar os caminhoneiros e operadores sobre as regras de recebimento das cargas, serão instaladas placas de sinalização na cidade e distribuídos informativos nas praças de pedágio e no pátio de triagem, com as rotas de acesso aos terminais. Ainda no pátio, haverá avisos sonoros e totens para divulgar as regras de recebimento dos caminhões.

Carga Online

A preocupação do superintendente da Appa, Luiz Henrique Dividino, é estabelecer uma boa comunicação entre os exportadores-caminhoneiros e o terminal portuário. “Desenvolvemos materiais para nos comunicarmos com diferentes públicos e garantir o escoamento tranquilo da safra, sem filas e com o melhor uso possível das nossas estruturas”, explicou Dividino. Ele pretende percorrer o interior, alertando os exportadores de que serão programados para descarga os caminhões que tiverem cadastrados no sistema Carga Online. Com isso, a orientação é que os caminhões façam o cadastro antes de sair de sua origem, para que a Appa tenha um planejamento do que será descarregado. Informativos também serão distribuídos entre exportadores e caminhoneiros.

Na verdade, o Porto de Paranaguá é o funil por onde escoam essas milhões de toneladas de grãos. É como se os 140 mil habitantes (IBGE 2010) de Paranaguá e o porto recebessem um enxame de abelhas, com a diferença de que elas usam pneus e carregam 30 toneladas de soja ou milho nas costas.





Um navio = 2mil caminhões

O Corredor de Exportação oferece cinco berços no cais para embarque de grãos. Dois mil caminhões (80 quilômetros de extensão ou algo como o trecho Curitiba-Paranaguá) são necessários para carregar as 60 mil toneladas de um navio em cerca de 30 horas. Esse navio precisa de maré alta para deixar o cais e então ceder seu lugar a outra embarcação. Na barra, esperando, estará formada uma imensa fila de dezenas de navios aguardando sua vez. Enquanto isso os exportadores no interior querem equilibrar a entrada e saída da produção nos silos e armazéns e despachar a carga rapidamente. Os caminhoneiros não querem esperar para multiplicar seus ganhos e os operadores não querem pagar “demurrage” (multa paga pelo contratante de um navio, quando este demora mais do que o acordado). Portanto é uma equação difícil com muitas personagens e variáveis envolvidas.

Os portos afundam

O ministro da Secretaria Especial de Portos, Leônidas Cristino, afirmou que a capacidade dos portos brasileiros não dará mais conta da demanda, que vem evoluindo a cada ano. Estudando a evolução da movimentação portuária, o governo estima que o déficit, em 2030, alcançará o montante de 487 milhões de toneladas.

Números apresentados por ele e a ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, em conversa com jornalistas, mostram que cada contêiner movimentado no Porto de Santos tem o custo de US\$ 360. Esse valor é 47% maior do que o do Porto de Roterdã, na Holanda. Em Hamburgo, na Alemanha, o custo da movimentação de cada contêiner é US\$ 273, enquanto em Cingapura fica em US\$ 197.

O governo já recorreu à uma Medida Provisória (MP 595) para atrair investidores privados para ampliação dos portos, mas recuou com uma greve e a intransigência dos sindicatos dos trabalhadores que desejam manter vantagens incompatíveis com o mercado. O problema está sendo negociado.

O Paraná

No final do mês passado o governador autorizou o início do processo licitatório para a contratação do projeto executivo do novo Corredor de Exportação do Porto de Paranaguá. Trata-se do projeto do píer em T, que será instalado paralelo ao cais, avançando no mar em 400 metros. O novo píer permitirá a atracação de quatro navios – maiores dos que os que atualmente embarcam no porto. Com isso, o corredor de exportação passará a ter uma capacidade de embarque de 16 mil toneladas/hora.

“No Paraná é necessário a duplicação de rodovias como a BR-277 entre Cascavel e Foz do Iguaçu, a chamada rodovia do Café (Apucarana-Ponta Grossa), buscar uma alternativa para o trecho de serra da BR-277 entre Curitiba e Paranaguá. Mas o fundamental é a ligação ferroviária entre Cascavel-Ponta Grossa-Paranaguá”, afirma Nilson Hanke Camargo, agrônomo, economista e responsável pela área de infraestrutura do DTE/FAEP. Houve promessas do governo federal de apresentar um projeto neste mês de março.

A colheita está pronta e cadê o armazém?

Na logística da armazenagem espalham-se pelo Paraná uma rede de cerealistas, que estão enfrentando um efeito dominó, como ocorre no Sudoeste paranaense. A fatura da safra de milho praticamente está sendo colhida juntamente com a de soja plantada precocemente e está faltando espaço para o armazenamento dos grãos. Na semana passada, durante o auge da colheita de milho, filas de caminhões esperaram por horas ou por dias para descarregar em cerealistas e cooperativas da região. Na cerealista Schmoller, em Itapejara d'Oeste, a 36 km de Pato Branco, formou-se uma grande fila de caminhões que provocou um congestionamento de 30 horas para o descarregamento. “A nossa capacidade armazenagem é limitada e nós não estávamos preparados para recebermos as duas colheitas ao mesmo tempo”, lamentou o proprietário Vilmar Schmoller.

Segundo ele, para atender toda a demanda precisaria de 50% a mais de espaço nos silos, hoje com capacidade para 30 mil toneladas. Nas últimas semanas foram recebidas quatro mil toneladas de milho e duas mil toneladas de soja por dia. Outra dificuldade, de acordo com Schmoller, é a umidade das últimas chuvas que está prejudicando o grão de milho que, ao contrário da soja, exige maiores cuidados na hora da secagem. O processo exige uma pré-secagem durante o dia e mais uma secagem completa no período da noite, enquanto a soja apenas passa pela primeira etapa. Por isso, Schmoller passou a dar prioridade ao recebimento da oleaginosa: “O milho é mais suscetível à umidade, ou seja, estraga mais rápido”, justifica.

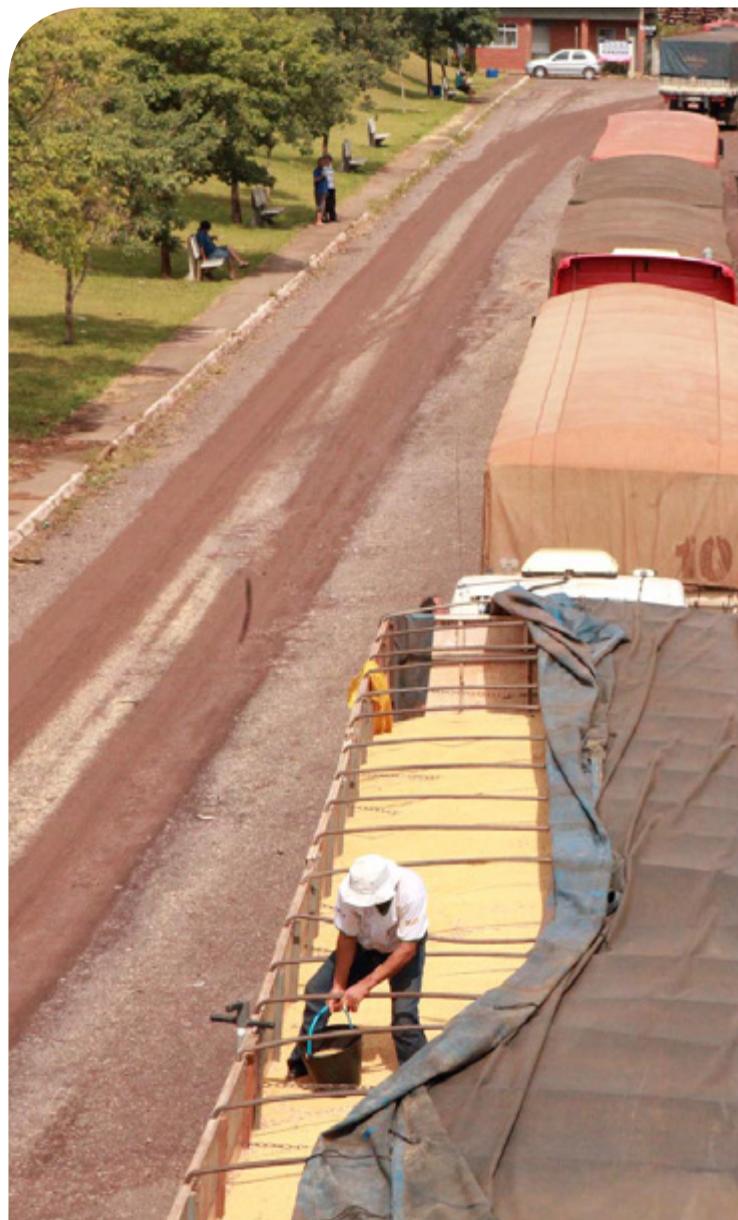
Gargalos

Ao mesmo tempo em que o produtor investiu em alta tecnologia, máquinas de última linha, colheitadeiras que aumentaram a produtividade no campo, os investimentos em infraestrutura e armazenagem de grãos foram mínimos. “Há alguns anos a gente conseguia colher mil sacas de soja por dia. Atualmente, nós temos colheitadeiras que conseguem colher o triplo disso. Mas adianta ter alta produtividade, eficiência na hora da colheita, se você não tem onde armazenar os grãos? Esse é o momento para despertarmos para essa falta de investimento”, criticou o produtor Silvio Luiz Marcolina, de Coronel Vivida.

Na Granja Santa Luzia, a sete quilômetros de Verê, o produtor Admar José Menegolla estava com duas colheitadeiras paradas no meio das lavouras de milho. Além do excesso de chuva, 1.250 toneladas do grão que saíram dali esperaram por mais de 24 horas para serem descarregadas em cooperativas e cerealistas do município. “A nossa armazenagem está muito defasada, é coisa de 20 anos atrás. As moegas e silos são muitos antigos e faltam

secadores mais modernos”, criticou. Para piorar um pouco a situação, Admar conta que na Sadia, em Dois Vizinhos, os serviços de secagem ficaram paralisados por dois dias. “Se agora já está desse jeito, quero só ver como vai ser lá na frente”.

Segundo o Instituto de Economia Agrícola de São Paulo a capacidade de armazenamento do Brasil é de 135 milhões de toneladas. Ou seja, se a safra brasileira atingir 185 milhões de toneladas há um déficit de 45 milhões de toneladas. O Paraná, nesse cenário, embora tenha a maior capacidade estática de armazenamento (25 milhões de toneladas) ainda assim é deficitário, na medida que a Conab estima uma safra 2012/2013 de 36 milhões de toneladas.



“A nossa capacidade de armazenagem é limitada e nós não estávamos preparados para recebermos as duas colheitas ao mesmo tempo”



A região Sudoeste (15 municípios) concentra 62.300 hectares de milho e a previsão para a safra 2012/2013 é uma produção de 615 mil toneladas. O cultivo da soja abrange 265.200 hectares e a estimativa é que sejam colhidas 880 mil toneladas do grão. Os dados são do Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria Estadual da Agricultura e Abastecimento (Seab).



A empresa Kepler Weber, produtora de silos e armazéns, projeta que o déficit de armazenagem no Brasil deve alcançar 40 milhões de toneladas nesta safra 2012/13. A previsão leva em consideração a colheita de cerca de 180/185 milhões de toneladas, conforme projeções do Ministério da Agricultura. A empresa estima que o investimento para zerar esse déficit é de R\$ 10 bilhões. Nos últimos cinco anos, foram investidos entre R\$ 7 bilhões e R\$ 8 bilhões em armazenagem no país. De acordo com um estudo da FAO, órgão da Organização das Nações Unidas (ONU) para Agricultura e Alimentação, o ideal é que os países tivessem capacidade para armazenar 120% de sua produção. No Brasil, este número representaria uma capacidade de 216 milhões de toneladas.

Rumo ao pior ano da logística agrícola

*Marcos Sawaya Jank



Este ano o Brasil está colhendo a maior safra da sua História. Serão 185 milhões de toneladas (MT) de grãos e oleaginosas, 11% mais do que na safra anterior. Viramos o primeiro produtor (84 MT) e exportador (41 MT) mundial de soja. Também tomamos dos americanos a posição de primeiro exportador mundial de milho (25 MT, ante 23 MT dos EUA), um fato inédito e surpreendente que decorre da terrível seca que atingiu aquele país em meados do ano passado e provocou uma quebra de safra superior a 110 milhões de toneladas de grãos.

Em recente evento de que participei nos EUA, a principal questão não era saber a estimativa de quanto o Brasil vai produzir nesta safra, mas sim os volumes de soja e milho que serão efetivamente escoados através de nossos portos até o início da próxima safra americana. Ninguém mais tem dúvida de que o Brasil consegue responder rapidamente na produção. Basta dizer que só na soja ampliamos a área plantada em quase 3 milhões de hectares em apenas um ano. A segunda safra de milho - erroneamente chamada de "safrinha" e plantada após a colheita de soja no mesmo ano agrícola - superou a safra de verão em mais de 6 MT nos dois últimos anos. Trata-se de uma notável vantagem competitiva

da agricultura tropical, que jamais vai ocorrer em países de clima temperado.

Acontece que em apenas um ano aumentamos a nossa exportação "potencial" de milho e soja em 18 milhões de toneladas, 36% mais do que na safra passada. Vale notar que o grosso da expansão de soja e milho se dá nos Estados de Mato Grosso, Goiás e Bahia, em áreas que se situam entre 1.000 e 2.300 km de distância dos portos. Se somarmos ainda as exportações de 25 MT de açúcar e a importação de 18 MT de matérias-primas para fertilizantes, não é de espantar que este ano assistiremos, passivos e apavorados, à maior asfixia na logística de grãos da nossa História!

Neste momento, as filas de navios para atracar nos Portos de Santos e de Paranaguá estão duas a três vezes maiores do que há um ano. Na quinta-feira (21) havia 82 navios esperando para carregar grãos no Porto de Paranaguá, ante 31 nesta mesma época do ano passado. Em Santos havia 59 navios, ante 29 há um ano. O custo médio de demurrage de um navio parado esperando carga é de US\$ 30 mil por dia. Em seminário do Banco Itaú-BBA realizado na semana passada, operadores relataram que para evitar 45 dias de fila de espera em Paranaguá eles decidiram mandar os caminhões para o Porto de Rio Grande, onde as filas duram menos de dez dias. Ou seja, depois de rodar 2.300 km do norte de Mato Grosso até Paranaguá, a soja ainda tem de rodar outros 1.100 km para pegar uma "fila mais rápida" no Rio Grande do Sul. Uma verdadeira insanidade!

Situação calamitosa

Para complicar ainda mais, a Lei 12.619, que restringe a jornada de trabalho dos caminhoneiros e o tempo de condução dos veículos, teve o efeito prático de "retirar" mais de 500 mil carretas das estradas. Os fretes de cargas já subiram entre 25% e 50% este ano. Além disso, o processo de votação da Medida Provisória n.º 595 - a chamada MP dos Portos, que propõe novas regras para a modernização destes - tem produzido uma sucessão de greves em escala nacional, que só tende a piorar com o avanço das negociações.

Essa situação calamitosa nos leva a pelo menos três reflexões importantes, a primeira delas, e mais óbvia, é a necessidade urgente de votar os novos marcos regulatórios que modernizariam a logística brasileira, particularmente a MP dos Portos. Apesar da calamidade nas estradas, da insuficiência histórica de ferrovias e hidrovias e da falta de armazéns (nossa capacidade de armazenagem equivale a 72% da safra de soja e milho, ante 133% nos EUA), o pior gargalo do País neste momento, de longe, são os portos. É hora de vencer a reserva de mercado, a burocracia e o corporativismo de um dos setores mais atrasados da economia brasileira.

Repensar as cadeias produtivas

A segunda é a necessidade urgente de viabilização sistêmica da nova logística do Norte do País, traduzida no escoamento pelos Portos de Itacoatiara (Rio Madeira), Santarém (Amazonas), Marabá (Tocantins), Miritituba (Teles Pires/Tapajós) e Vila do Conde (confluência do Amazonas e do Tocantins, no Pará), na conclusão da pavimentação das rodovias BR-163 e BR-158 e das Ferrovias de Integração Norte-Sul (FNS), Centro-Oeste (Fico), Oeste-Leste (Fiol) e Transnordestina. Basta dizer que 60% da produção de grãos se concentra nos cerrados, que serão beneficiados pela nova logística, mas só 14% dela é hoje escoada pelos portos do Norte e Nordeste. A viabilização dos novos corredores permitiria exportarmos com navios Capesize, que transportam 120 mil toneladas de grãos, o dobro da capacidade dos navios Panamax, hoje utilizados. Com

a futura passagem desses navios pelo Canal do Panamá, em 2014, será possível reduzir em pelo menos 20% o frete marítimo para a China, que já responde por 40% da nossa exportação de grãos, além da redução potencial dos fretes terrestres, pelo uso de ferrovias e hidrovias.

A terceira reflexão tem que ver com o longo prazo. Precisamos estudar qual seria o melhor modelo de inserção do Brasil no agronegócio global do futuro. Hoje estamos engargalados num sistema ineficiente de transporte de soja e milho por caminhões, portos velhos e caros e navios pequenos. Milho e soja servem basicamente para produzir ração para bovinos, suínos e aves, que vão produzir a proteína animal consumida por países que estão do outro lado do planeta.

Num momento em que vários países constroem políticas comerciais mais agressivas - vide o anúncio do novo acordo EUA-União Europeia e a miríade de acordos asiáticos -, não seria a hora de repensar as nossas cadeias de suprimento, buscando explorar a combinação de maior eficiência e valor dos grãos, carnes e lácteos que serão demandados no futuro?

* Marcos Sawaya Jank é especialista em Agronegócio e Bioenergia, e foi presidente da Unica e do Icone. E-mail: marcos@jank.com.br.

** Publicado em O Estado de São Paulo

Fotos: Divulgação e Rogério Theodorvy



Pecuária: é preciso fazer as contas

Um dos principais gargalos ocorre justamente na hora de o pecuarista fazer as contas e controlar os dados para gerenciar a propriedade

Por Hemely Cardoso



A pecuária de corte passa por dificuldades no Paraná. O setor está encolhendo por falta de rentabilidade. Onde antes tinha boi, hoje avança o cultivo da soja, da cana-de-açúcar e de outras culturas mais lucrativas.

O setor está encolhendo porque os pecuaristas não estão conseguindo pagar as contas. A avaliação é do professor-doutor Paulo Rossi Júnior, coordenador do Laboratório de Pesquisas em Bovinocultura (Lapbov) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), durante a reunião da Comissão de Bovinocultura de Corte do Sistema FAEP, no último dia 20 de fevereiro.

Uma arroba cotada a R\$ 98,00 não significa a garantia de rentabilidade à atividade porque os custos de produção, embutidos com a inflação, estão cada vez mais altos. A alimentação dos animais, os insumos, o sal mineral, as vacinas e o custo com a mão de obra se tornaram mais caros provocando uma pequena margem aos pecuaristas. Para quem faz a conta certa percebe que a atividade está rendendo menos que o juro de poupança,

uma média de 6% ao ano. “Quem vai investir em uma atividade para ganhar 0,5% ao mês? A arroba a R\$ 98,00 não é nada excepcional como muitos devem estar pensando. Pelo contrário. Os pecuaristas vêm acumulando prejuízo desde 2005 e 2006 quando passaram por uma grande crise por causa da febre aftosa”, explicou.

Na avaliação de Rossi, a arroba deveria estar acima de R\$ 100 para amenizar as perdas. Observou que um dos principais gargalos ocorre justamente na hora de o pecuarista fazer as contas e gerar os dados para gerenciar a propriedade. “Ele precisa ficar de olho no valor real do que ele gastando para produzir os animais. Por isso, tem que fazer um controle de tudo, trabalhar com custos, fazer uma anotação diária, para ter uma gestão do seu negócio com custo gerencial da sua produção”.

Para aliviar a crise o setor precisa aproximar produtor, indústria e varejo, como já acontece em outras atividades. “Precisamos firmar um pacto, trabalhar com uma boa gestão com dados reais na mão e, com os custos de produção. Concentrar mercado em determinadas redes e modificar as relações entre frigoríficos, produtores, varejo e atacado”. As projeções, segundo Rossi, indicam uma demanda maior por carne vermelha e isso significa um estímulo à produção com sustentabilidade econômica.

Tendências

Durante a reunião os produtores destacaram que o avanço da agricultura provocou uma queda na produção de bezerras, ou seja, estão faltando animais no mercado. É o caso da Cooperativa Agroindustrial Aliança de Carnes Nobres Vale do Jordão (Cooperaliança), que precisa dobrar a produção de bezerras nos próximos dois anos para atender a demanda de



um único cliente. Além da migração à produção de grãos, o pecuarista se sente desestimulado ao produzir animais com qualidade porque a remuneração ainda é baixa. “Por que o produtor vai investir numa diferente raça, na qualidade da carne, se ele não está ganhando a mais por isso?”, criticou Rossi.

Na prática

O produtor de grãos e pecuarista Rodolpho Luiz Werneck Botelho, de Guarapuava, lembrou que a expectativa ao longo de 2012 e no início deste ano era de uma arroba entre R\$ 104,00 e R\$ 105,00. O que não se concretizou. “Há alguns anos a gente já vinha sentindo o aumento no custo de produção com mão de obra, insumos e alimentação do animais, que subiram acima da inflação, dificultando o resultado da pecuária de corte”. Assim como o professor-doutor Paulo Rossi Júnior, Rodolpho avalia que uma das grandes dificuldades do pecuarista é controlar esses custos e colocá-los no papel: “Muitas vezes ele nem percebe isso porque entra em um sistema de cria e engorda de longo prazo que vai dificultando

a sua anotação, a parte administrativa, especialmente o gerencial da sua propriedade”. Segundo ele, para não acumular prejuízos o pecuarista precisa ser eficiente e produzir uma carne diferenciada. “Se você investe na qualidade da carne ganha um plus no mercado. O produtor não pode se esquecer do caderno e do lápis para anotar diariamente todos os custos para ter uma gestão do negócio”.

A pecuária no Paraná

O rebanho bovino paranaense somou 9.461.856 cabeças em 2011, segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE). O plantel representa 4,5% do total nacional. No total do rebanho, 20% é leiteiro, 70% é destinado ao corte e 10% às duas atividades. O abate de bovinos no Estado, de acordo com dados divulgados pelo Sindicarne, atingiu 1,19 milhões de cabeças em 2011, ocupando 9ª posição brasileira. No mesmo período, o Valor Bruto da Produção (VPB) somou R\$ 21 bilhões, representando 42% do total das receitas do agronegócio paranaense.

Afinal, o governo quer o etanol como matriz energética?

Por Maria Sílvia Digiovani, engenheira-agrônoma do DTE/FAEP



Segundo se noticiou na imprensa, isso significa que a Petrobrás perdia R\$ 2 bilhões por mês revendendo esses combustíveis no mercado interno e agora passa a perder “apenas” R\$ 1,2 bilhão por mês.

Para usinas de etanol, o reajuste abre espaço para a recomposição parcial do preço do produto, diminuindo um pouco o prejuízo, já que passaram 2012 e entraram 2013 vendendo abaixo do custo de produção. Essa defasagem de preço fez com que mais de 40 usinas encerrassem as atividades no Brasil nos últimos anos.

Em consequência, os produtores de cana-de-açúcar que também atravessam um período difícil, passaram a alimentar a expectativa de melhor preço para seu produto.



Fotos: Milton Dória

O governo federal, que controla artificialmente os preços dos combustíveis fósseis, autorizou recentemente aumentos de 6,6% para a gasolina, e 5,4% para o diesel nas refinarias.

Para a Petrobras, esse reajuste significa uma redução da defasagem do preço da gasolina de 17,3% para 11,8%, e para o diesel a defasagem cai de 16,7% para 12,2%, isso porque o Brasil não é autossuficiente na produção desses combustíveis, o que obriga a estatal a importar e, para conter a inflação, a vender por um preço mais baixo do que paga no mercado externo.

Mas será que o reajuste do preço do etanol na bomba, após todos esses anos de contenção pelo atrelamento ao preço da gasolina, significa um grande impulso para alavancar o setor e dar as condições que o Brasil precisa para desenvolver sua vocação de suprir com sobra a necessidade nacional de um combustível limpo e renovável?

Certamente não. As mazelas do setor alcooleiro são mais profundas e o remédio precisa ser mais forte para conseguir injetar competitividade ao etanol.

Uma política de longo prazo

O tratamento começa pela resolução definitiva do problema do controle de preços da gasolina que impossibilita o reajuste dos preços do etanol, enquanto os custos de produção de cana e das usinas sobem constantemente. Considerando as três últimas safras, segundo estudos divulgados pelo PECEGE/ESALQ/USP, para produzir uma tonelada de cana o custo aumentou em 42,8%; a tonelada de açúcar branco teve o custo aumentado em 28,5% e o custo de produção de 1 m³ de etanol hidratado aumentou 32%.

O reajuste recente traz a expectativa de melhorar um pouco a situação que trouxe endividamento às usinas e aos produtores de cana, reduzindo o cuidado com a fertilidade dos canaviais e que, associado a duas safras com problemas climáticos, resultou em falta de matéria-prima e ociosidade nas indústrias. Ainda não faltou etanol nas bombas, mas o atendimento ao consumidor se deu às custas de prejuízos de produtores de cana e usinas.

Por outro lado, precisa ser resolvido o grave problema da ausência de uma política de longo prazo para o etanol por parte do governo, condição indispensável para dar ao setor a segurança para a realização dos investimentos necessários para reverter esse quadro. O governo precisa urgentemente oficializar sua intenção quanto à posição do etanol na matriz energética brasileira.

Sem isso, até aderir ao programa PRORENOVA do BNDES ficou difícil. Lançado no início de 2012 para apoiar a renovação e implantação de novos canaviais com a disponibilização de R\$ 4 bilhões, até dezembro o programa registrou 70 operações, no valor de R\$ 1,4 bilhão, que viabilizaram o plantio de cerca de 410 mil hectares, dos quais 80% destinados à renovação de canaviais. Considerando que o Brasil precisa renovar cerca de 1,6 milhão de hectares de cana por ano, o acesso à linha de crédito atendeu apenas 0,0205% da necessidade.

Mais eficiência aos flex

Quanto aos motoristas, esses seguem preferindo abastecer com gasolina, já que o álcool só é interessante se o preço não ultrapassar 70% do preço da gasolina. O apelo ecológico de combustível limpo não é suficiente para convencer a população.

Isso seria diferente se o motor dos carros com a tecnologia flex ou movido a etanol, presente em mais de 50% da frota nacional de veículos leves, apresentasse eficiência semelhante ao motor a gasolina. Para isso é necessário interesse e investimento em pesquisa, o que não vem ocorrendo.

Outro aspecto que precisa entrar na agenda do governo é a desoneração tributária do etanol para tornar o produto mais competitivo em relação à gasolina.

A falta de aceno para a resolução dos problemas apontados deixou o setor estagnado, sem segurança para apostar em novos investimentos, enquanto vai aumentando a importação de gasolina.

Assim será impossível o país desenvolver seu potencial para se tornar uma potência em energia renovável, já que, segundo apontam especialistas, para isso precisariam ser construídas 120 novas usinas e aumentar a área dos canaviais em muitos milhares de hectares até 2020.

Capacidade e vontade do setor privado para atingir esse objetivo existe, mas não sem antes o governo decidir por uma

Gráfico1-Consumo de combustíveis no Brasil

Fonte ÚNICA a partir de dados da ANP



Gráfico 2 – Importações brasileiras de gasolina

Fonte – ANP

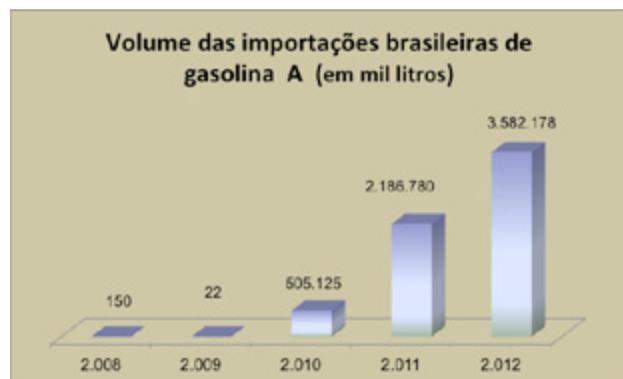


Gráfico 4 – Produção brasileira de etanol total

Fonte - UNICA

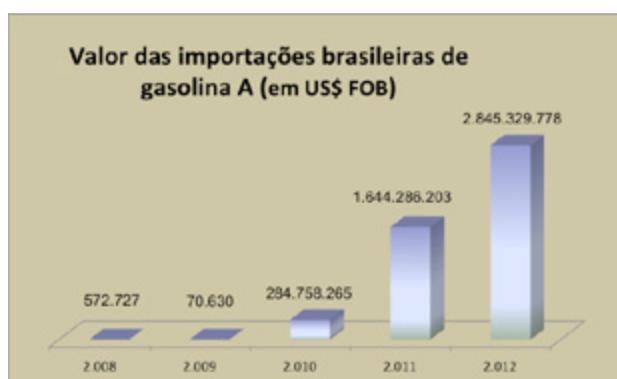


Gráfico 3 – Valor gasto pelo Brasil com as importações de gasolina

Fonte - ANP



- O gráfico nº1 mostra o consumo de combustível no Brasil, com destaque para o aumento da gasolina e queda do etanol.
- O 2 e 3 mostram o que isso significa em necessidade de importação de gasolina e o sangramento dos cofres nacionais.
- E o nº 4 mostra a queda do desempenho da produção de etanol nas últimas safras, resultado da soma dos fatores climáticos e estruturais adversos.



E o produtor paga o pato?

Governo cria novo órgão para controle de estoques e esvazia Conab

No último dia 15 de fevereiro, a presidente Dilma Rousseff assinou o decreto 7.920 criando o “Conselho Interministerial de Estoques de Alimentos – CIEP” com o objetivo de “definir as condições para aquisição e liberação de estoques públicos de alimentos”. Quatro ministérios integram o CIEP; Agricultura, Casa Civil, Fazenda e Desenvolvimento Agrários e o decreto estipula que “poderão ser convidados representantes de outros órgãos e entidades públicas ou de organizações da sociedade civil para participar de reuniões”.

Poderão ser convidados, ou seja basicamente o novo órgão é um estatal. Será criada uma Câmara Técnica e o representante do Ministério da Agricultura será seu coordenador.

São quatro as competências do CIEP:

- Monitorar os volumes de estoques públicos e deliberar sobre seus quantitativos;
- Avaliar e definir as condições para aquisição e liberação de estoques públicos de alimentos;
- Referendar as decisões do Presidente (do órgão), quando couber;
- Fixar diretrizes gerais para a atuação de sua Câmara Técnica.

Curiosamente ou teoricamente o governo federal dispõe da Companhia Nacional de Abastecimento – Conab com competência iguais ou parecidas, mas esse órgão, pelo decreto de Dilma, “participará das reuniões como convidado permanente, cabendo-lhe prestar assessoria e orientação técnica”.

Em 13 de dezembro de 2002, o presidente Fernando Henrique Cardoso assinou o decreto 4.514 sobre o funcionamento da Conab, onde o artigo 6º fixou os seguintes objetivos principais:

Art. 6º A CONAB tem por objetivos:

- I - planejar, normatizar e executar a Política de Garantia de Preços Mínimos do Governo Federal;
- II - implementar a execução de outros instrumentos de sustentação de preços agropecuários;
- III - executar as políticas públicas federais referentes à armazenagem da produção agropecuária;
- IV - coordenar ou executar as políticas oficiais de formação, armazenagem, remoção e escoamento dos estoques reguladores e estratégicos de produtos agropecuários;
- V - encarregar-se da execução das políticas do Governo Federal, nas áreas de abastecimento e regulação da oferta de produtos agropecuários, no mercado interno.

A criação desse novo órgão pelo governo leva especialistas de mercado a avaliar que é mais uma tentativa do governo em controlar a oferta e a demanda como estratégia de combate à inflação. Ou seja, em momentos em que a demanda, principalmente de produtos básicos da alimentação se elevar, o governo abrirá as comportas de estoques forçando a baixa. Os produtores pagarão o pato.



Não haja pela emoção, pense no custo-benefício

As vitrines de máquinas e implementos agrícolas são reluzentes, as vendas batem recordes, mas é preciso avaliar bem para decidir

Por Kátia Santos

Os modelos são futuristas, as cores berrantes para todos os gostos, os componentes e acessórios atraentes e sofisticados. Assim como os carrões desejáveis que povoam o imaginário dos brasileiros, as colhedoras (ou colheitadeiras, dependendo do freguês), tratores e implementos disputam o mercado formado por médios e grandes produtores rurais.

As grandes revendedoras dispõe de vendedores bem treinados tanto no detalhamento dos equipamentos como nas estratégias de convencimento dos fregueses. Há variáveis, porém, que escapam muitas vezes da racionalidade, como a “síndrome do vizinho”. Ou seja, a patroa fala ao marido que o vizinho está com equipamentos novo e “nós, não”.

O eixo formado pelo interior do Mato Grosso-São Paulo-Paraná é naturalmente o eldorado dessas grandes empresas pela concentração dos proprietários rurais-alvos.

Em janeiro passado a venda de máquinas agrícolas bateu recorde no Brasil. De acordo com dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), nesse período foram comercializadas 5.859 unidades e o cenário de espera ocorrida em lançamentos de automóveis se repete para máquinas agrícolas.

O termômetro desse crescimento está tanto nas mãos de São Pedro com sol e chuva suficientes para colheitas abundantes como na Bolsa de Chicago. Mas o que pesa mesmo é a decisão do produtor.

Fotos: Rogério Theodorvy





Conselho não tem preço

As opções são inúmeras e tentadoras, mas o que o produtor rural precisa lembrar na hora de adquirir uma nova máquina agrícola? A maioria dos produtores tem seu planejamento na renovação dos equipamentos da propriedade, mas o engenheiro-agrônomo, Doutor em Agronomia e coordenador estadual de grãos da Emater, Nelson Harger dá alguns conselhos.

“É hora mesmo de modernizar os equipamentos utilizados no campo, mas bom senso e a observação de algumas características do tamanho da propriedade podem contribuir para que o produtor não invista um grande volume de capital em uma máquina que será pouco utilizada ou trará uma resposta tímida em termos de aumento produtividade”, diz. Ele divide as propriedades em três segmentos, de acordo com parâmetros da Emater:

- Pequenos (até 50 hectares).
- Médios (entre 50 a 200 ha).
- Grandes (acima de 200 ha).

Harger recomenda que o produtor observe:

- 1º) as suas necessidades;
- 2º) a potência do trator que é o que vai puxar todos os implementos (pulverizador e plantadeira) e
- 3º) a eficiência operacional da máquina, como ela vai contribuir para a redução de custos e aumento da qualidade da operação agrícola.

Em resumo, qual o custo-benefício que o investimento num equipamento causa na propriedade.

O pulverizador, segundo o engenheiro é o equipamento mais utilizado na propriedade rural para a produção de grãos – cerca de 10 vezes por ano. “Um pulverizador com tanque com capacidade de 600 litros e barra de 12 metros atende muito bem o pequeno agricultor assim como uma plantadeira com disco na distribuição das sementes e de 5 a 7 linhas, que tem um custo entre 50 a 60 mil reais. Nas propriedades maiores um pulverizador do tipo autopropelido atende melhor pela maior eficiência operacional”, diz.

Em relação à plantadeira para os médios e grandes agricultores ele recomenda uma máquina com sistema de distribuição de sementes por sucção com 7 a 11 linhas (médio) e acima de 11 linhas (grandes). Esse diferencial no sistema de distribuição das sementes é uma inovação tecnológica que melhora o rendimento do trabalho. O produtor consegue plantar mais rápido sem perder a qualidade, ou seja, a profundidade e distribuição onde a semente será depositada.



Agricultura de precisão

A tendência da indústria, lembra Harger, é oferecer pulverizadores com 30 a 32 metros de barras, “mas essas máquinas não se adaptam a terrenos com relevo muito inclinado. Como a oferta desses pulverizados é muito forte o produtor acaba cedendo, mas essa opção está gerando um problema – o fim dos terraços que evitam a erosão do solo. Na prática os produtores estão ajustando a propriedade à máquina e não ao contrário”. A recomendação é adquirir pulverizadores com barras que não excedam 18 metros.

“A essência da Agricultura de Precisão, a AP, é permitir, através de equipamentos, que o produtor tenha uma visão mais aprofundada da sua propriedade em termos de solo e produtividade. No caso dos pequenos produtores, como eles andam com mais frequência pela lavoura conhecem os pontos fracos e fortes. Já os médios e grandes precisam mais desse recurso tecnológico”, avalia Harger.

O uso do GPS em conjunto com o piloto automático e as barras de aplicação que desligam automaticamente, é recomendado nas pulverizações para evitar a sobreposição da aplicação, e melhoram em muito a eficiência operacional. Pequenos e médios produtores adotam sistemas de marcação riscando previamente o solo no caminho do pulverizador.

Em relação à compra de colheitadeiras o coordenador da Emater recomenda apenas para áreas acima de 100 alqueires ou 242 hectares. “O volume de capital investido em uma máquina que vai ser pouco utilizada não compensa em termos de custo-benefício. Uma máquina de grande porte com acessórios de AP chega a custar R\$ 1,5 milhão de reais”. No momento de comprar uma grande colheitadeira, Harger indica as mais modernas com sistema de rotor na debulha, pois o produtor ganha na qualidade dos grãos.

Conhecimento é a diferença

Em relação aos pulverizadores o especialista faz um alerta – “tecnologia embarcada é importante, mas o que faz a diferença no final é o conhecimento e o cuidado que o produtor tem na hora de operar a máquina. Mesmo os pequenos quando forem usar uma máquina sem acessórios de AP podem obter resultados excelentes. O importante é o produtor respeitar um conjunto de itens como: a hora certa de aplicar, a dosagem do produto que será usado, a orientação técnica sobre a ponta de pulverização e fazer a aplicação em um clima favorável. A máquina é apenas uma ferramenta. O conhecimento que ele tem sobre a lavoura e a cultivar escolhida aliados a experiência que tem é que farão diferença no final”, conclui.





O futuro

Com foco no futuro há quatro anos uma equipe de pesquisadores da Valtra, da sede na Finlândia, desenvolve um protótipo de uma máquina agrícola multifuncional (trator, colheitadeira e carregadeira). O modelo foi batizado de “Ants”, que em inglês significa formiga.

A máquina possui dois módulos que podem trabalhar juntos aumentando a potência, ou separados onde cada um pode executar um serviço diferente. Os módulos poderão ser comandados simultaneamente pelo operador. O vidro da cabine será transformado em tela onde aparecerão todas as informações do equipamento e os comandos serão executados a partir da voz do operador. Durante o Show Rural, em Cascavel, uma maquete do protótipo atraiu atenção dos visitantes. Mas é um equipamento

para os netos dos produtores, porque a previsão dele ser comercializado é para 2050. No link abaixo você pode observar um vídeo sobre o modelo: <http://www.youtube.com/watch?v=E0FNjKUbOgg>

O passado

No estande da CASE, durante o Show Rural 2013, um pequeno trator chamou muito atenção dos visitantes de todas as idades. Pela primeira vez no Paraná uma marca expõe uma relíquia. O modelo FARMALL CUB, com potência de 15 cavalos foi fabricado nos Estados Unidos, em 1947, e foi totalmente reformado por uma revenda paulista da marca.

“O saudosismo dos tratores antigos é uma tendência que está surgindo no Brasil, mas nos Estados Unidos já é uma febre. Produtores e concessionárias compram e recuperam as primeiras máquinas que impulsionaram a agricultura”, conta o

especialista de marketing de produto da Case, Everton Fim.

No Paraná há o registro de cinco museus de tratores. Um em Itambaracá, norte pioneiro organizado pelo produtor rural Antônio Oshiro. Ele reuniu um acervo de 27 tratores nacionais e importados. Algumas peças pertenceram à família e outras foram ‘garimpadas’ com os vizinhos.

Outro museu fica em Carambeí no Parque Histórico da cidade, que preserva a história e cultura da colonização holandesa. Esse museu conta com 20 exemplares de tratores e implementos. No acervo, exemplares das marcas: Massey Harris, John Deere, Allis Chalmers, Ford, Zetor, Hanomag, Cockshutt, Farmall, Massey Ferguson e David Brown.



Em Arapoti são três museus - dois particulares e um público que compõe o Parque Histórico da Colonização Holandesa. No público as visitas podem ser agendas pelo telefone (43)3512-1100. Os particulares foram organizados pelos produtores rurais Harmanus Deen e Lucas Salomons e juntos reúnem mais de 100 peças desde equipamentos de madeira utilizados pelos imigrantes até máquinas e implementos agrícolas.

Público diferenciado

Em um mercado dominado por grandes multinacionais uma indústria de São José dos Pinhais, na região metropolitana de Curitiba – a Montana Agriculture, investe em um público diferenciado. Um exemplo foi o lançamento no Show Rural 2013 - do Solis SO 20, um trator multifuncional de 20 cavalos voltado para o pequeno produtor. Atualmente o SO 20 é importado da Índia, mas o processo de nacionalização do projeto está em andamento.

Com um custo igual ao de um carro popular “pelado” (R\$28 mil) o trator pode ser usado em várias atividades: produção de flores, avicultura, fruticultura, horticultura, café adensado, acoplado a uma roçadeira pequena ou ainda a um pulverizador. “Por ser um equipamento pequeno é muito versátil e está sendo muito bem recebido pelos pequenos produtores”, informa o gerente de pós-venda Caio Sabbag.

Família Twister

Outra linha diferenciada da empresa paranaense são os pulverizadores da família Twister. Desenvolvidos a partir de uma joint-venture com a italiana Landini esses pulverizadores têm o foco de mercado nos fruticultores. As máquinas são desenvolvidas com turbo atomizadores e tem como diferencial a uniformidade de saída de vento 50 a 50, enquanto que nos concorrentes essa saída é 60/40 ou 65/35.

A família Twister já vem com uma tecnologia embarcada como: piloto automático hidráulico; GPS; corte automático das sessões; comandos manuais ou elétricos com regulagem

automática. Esse item traz mais conforto e segurança para o operador, pois ele não fica em contato com os produtos. Outra característica são os componentes de saída que podem ser utilizados em várias culturas.

“Por exemplo, para os parreirais de uva e cultivo de tomate desenvolvemos o chamado “sistema de mãozinhas” são saídas diferenciadas que atingem a baga da uva combatendo fungos como o oídio e míldio. Atualmente só nós temos essas saídas diferenciadas”, completa Sabbag.

Além da família Twister a Montana também produz uma linha de pulverizadores para grãos e cereais para médios e grandes produtores

Olhos puxados no pedaço

Os asiáticos não perdem tempo, segundo o jornal Valor Econômico, em sua edição do último dia 27, o bom momento do agronegócio brasileiro está atraindo fabricantes asiáticos de tratores de baixa potência voltados à agricultura familiar. A indiana Mahindra, que além de tratores produz caminhonetes, jipes e picapes, vai investir R\$ 100 milhões numa fábrica em Dois Irmãos (RS). Pretende vender anualmente de 10 a 15 mil tratores.

A coreana LS Mtron lançou na semana passada a pedra fundamental de sua primeira fábrica no Brasil, em Garuva (SC) em sua primeira unidade na América Latina, num investimento de US\$ 30 milhões. Pretende vender 600 tratores de 25 a 100 cavalos anualmente. Segundo a Anfavea, “o mercado nacional de tratores hoje é estimado entre 55 mil e 60 mil unidades por ano, sendo 45% de até 100 cavalos”.



Limpeza no campo

Mais de 4,8 mil toneladas de embalagens foram retiradas no Paraná, em 2012

Em 2012, o Sistema Campo Limpo (logística reversa de embalagens vazias de defensivos agrícolas), formado por agricultores, fabricantes - estes representados pelo Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (inpEV)-, canais de distribuição e com apoio do poder público, encaminhou para o destino ambientalmente correto 4.832 toneladas de embalagens vazias de defensivos agrícolas no Paraná. A quantidade de embalagens retiradas no estado é maior que a obtida em 2011, e representa um crescimento de 8%. O estado responde por 13% do total de embalagens vazias de defensivos agrícolas destinadas no Brasil. De acordo com o inpEV, em 2012, foram retiradas do meio ambiente mais de 37 mil toneladas do material em todo o país. Resultado 9% maior do que o índice obtido no ano anterior.

Comparativo de Embalagens Destinadas – Jan a Dez 2011 x 2012

	2011	2012	%
Paraná	4.490	4.832	8
Brasil	34.202	37.379	9

Outras informações: www.inpev.org.br

FUNDEPEC-PR

SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINANCEIRO FINDO 31/01/2013



HISTÓRICO/CONTAS

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$			DESPESAS EM R\$			SALDO R\$	
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES		FINANCEIRAS /BANCÁRIAS
	1-12	13						
Taxa Cadastro e Serviços D.S.A	403.544,18	-	-	138.681,09	**542.225,27	-	-	-
Setor Bovídeos	8.444.549,48	-	-	20.284.980,65	-	2.341.952,64	-	26.924.087,91
Setor Suínos	3.560.137,02	6.763.182,00	-	2.147.925,12	-	181.518,99	-	12.289.725,15
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	-	-	2.120.965,03	-	-	-	3.602.923,18
Setor de Equídeos	53.585,00	-	-	88.650,28	-	-	-	142.235,28
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	8.816,29	-	-	-	14.654,90
Setor Aves de Postura	37.102,41	-	-	109.633,49	-	-	-	146.735,90
Pgto. Indenização Sacrifício Animais *	-	-	-	-	-	141.031,00	-	(141.031,00)
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)
Rest. Indenização Sacrifício Animais *	-	-	141.031,00	-	-	-	-	141.031,00
TOTAL	13.981.000,00	6.763.182,00	141.031,00	24.899.651,95	**542.225,27	2.664.502,63	77.567,43	43.042.794,89
SALDO LÍQUIDO TOTAL								43.042.794,89

NOTAS EXPLICATIVAS

1) Repasses efetuados pela SEAB/DEFIS de acordo com o convênio: 1º - 14/12/2000 >> R\$ 500.000,00 | 2º - 23/07/2001 >> R\$ 2.000.000,00 | 3º - 04/09/2001 >> R\$ 380.000,00 | 4º - 28/12/2001 >> R\$ 2.120.000,00 | 5º - 21/05/2002 >> R\$ 710.000,00 | 6º - 26/07/2002 >> R\$ 2.000.000,00 | 7º - 16/12/2002 >> R\$ 2.167.000,00 | 8º - 30/12/2002 >> R\$ 204.000,00 | 9º - 08/08/2003 >> R\$ 600.000,00 | 10º - 08/01/2004 >> R\$ 400.000,00 | 11º - 30/12/2004 >> R\$ 1.300.000,00 | 12º - 01/12/2005 >> R\$ 1.600.000,00 | 13º 17/12/2012 >> R\$ 6.763.182,00

2) Valores indenizados a produtores e restituídos pelo MAPA. (*)

3) Setor de Bovídeos (**)

a) Valor total da conta Taxa de Cadastro e Serviço (repassa mais rendimentos financeiros) da DSA referente ao setor de Bovídeos = R\$542.225,27

b) Valor total retido pela SEAB/DEFIS, referente ao total da conta taxa de cadastro e serviços da DSA do setor de Bovídeos = R\$ 542.225,27

4) Conforme Ofício nº 315/2004-Defis, valor transferido da sub-conta do Setor de Bovídeos e creditado para sub-conta do Setor de Ovinos e Caprinos, R\$ 5.714,85.

Ágide Meneguette
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt
Contadora | CO PR-045388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.

UMUARAMA



Aplicação de Agrotóxicos e segurança no trabalho

O Sindicato Rural de Umuarama em parceria com a Usina Costa Bio Energia ofereceu dois cursos: Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos- Costal Manual NR 31 com o instrutor Paulo Roberto Marchesan para um grupo de 13 participantes. E o Curso Trabalhador na Segurança no Trabalho NR 33 - Espaço Confinado Trabalhador e Vigia com o instrutor Clóvis Biasuz para 10 participantes.

SERTANEJA



Tratores agrícolas

O Sindicato Rural de Cornélio Procópio em parceria com a Secretaria Municipal de Agricultura do município de Sertaneja realizou o curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas- tratores agrícolas - operação de implementos - semeadeira e plantadeira. O curso foi ministrado pela instrutora Elisangela Domingos para um grupo de 17 trabalhadores rurais. Entre os conteúdos trabalhados: normas de segurança na operação de tratores agrícolas; ajuste da bitola e alinhamento das rodas; e lastreamento (líquido e com contrapesos) – índice de patinagem; entre outros.

MARINGÁ



Panificação

O Sindicato Rural de Maringá realizou o curso de Produção Artesanal de Alimentos – Panificação nos dias 13 e 14 de fevereiro. O curso foi oferecido aos profissionais e trabalhadores que atuam na produção da merenda escolar na Comunidade Guerra. O instrutor do grupo foi Sergio Kazuo. O objetivo é eliminar as perdas que estavam ocorrendo devido ao uso inadequado do fermento e causando grande prejuízo nas entregas da merenda escolar.

PONTA GROSSA



Classificação de grãos

O Sindicato Rural de Ponta Grossa em parceria com a Cooperativa Coopagrícola ofereceu nos dias 1º e 2 de fevereiro dois cursos de Trabalhador na Classificação de Produtos de Origem Vegetal - Soja e Milho. O instrutor dos grupos foi José Augusto Olzewski. Cada curso tem carga horária de 8 horas. Neste evento participaram os funcionários da cooperativa, produtores rurais e filhos dos cooperados.

CAMPINA DA LAGOA



Artesanato em palha de milho

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou na Comunidade Sales de Oliveira o curso de Cestaria e Trançados – artesanato em palha de milho – flores. As aulas aconteceram no período de 19 a 22 de fevereiro e teve 12 participantes. A instrutora do grupo foi Herta Radecki.

ENGENHEIRO BELTRÃO



Posse

No dia 7 de fevereiro tomou posse a diretoria eleita do Sindicato Rural de Engenheiro Beltrão. Foram eleitos: Wolfgang Graf, presidente; Victor Vicari Rezende, vice-presidente; Elton Clovis Michelin, secretário e Rui Roseghini como tesoureiro.

JANIÓPOLIS



Fruticultura

No dia 1º de fevereiro, na Comunidade Rural de Cinco Marcos, começou uma programação de cursos destinados aos pequenos agricultores do município de Janiópolis. A promoção é uma parceria entre Emater, SENAR-PR e Prefeitura. No total serão oferecidos 20 cursos. No 1º dia, um grupo de 12 produtores rurais participou do curso Trabalhador na Fruticultura Básica Abacaxizeiro e Bananeira, ministrado pelo instrutor Sérgio Takashi Noguchi. Conforme a programação, acontece mais um curso sobre hortaliças entre os dias 18 e 19 de fevereiro no Salão Paroquial e abordará o plantio, colheita e comercialização de hortaliças.

GUARAPUAVA



Doação Apae

O Sindicato Rural de Guarapuava doou 120 kits de material escolar para a Apae Rural de Guarapuava. A entrega foi feita no dia 7 de fevereiro pelo presidente do sindicato, Rodolpho Luiz Werneck Botelho à diretora da Apae Rural, Elisandra Aparecida Schroeder e à colaboradora do departamento de compras, Jane Sell da Silva, que representou o presidente da Apae, Valdery Jorge Domingues da Silva. Todos os alunos da entidade receberão o kit, que inclui quatro cadernos, uma caixa de lápis de cor, três canetas, uma borracha, um apontador, uma cola e uma régua. A entrega aos alunos será feita na primeira semana de aula. “Muitos dos nossos alunos têm origem de localidades rurais, com pais agricultores, assim desenvolvemos atividades que eles possam exercitar a prática no campo, como hortas, cultivo de frutas e outras”, comentou a diretora Elisandra.

8 março

Dia Internacional da Mulher

A verdadeira mulher alfa por *José Pastore

Com a aproximação do dia da mulher (8 de março), sou , provocado a escrever sobre um novo modismo que reserva o termo de “mulher alfa” para se referir à profissional independente, obstinada, combativa, realizadora, assertiva, que exerce profissões liberais, é empreendedora e ocupa posições de mando. Com isso, parece que todas as demais mulheres são destituídas dessas virtudes. Não concordo. As mulheres têm avançado no mercado de trabalho, mas os problemas também.

Nos últimos dez anos, a proporção de mulheres que trabalham fora de casa passou de 35% para 45%. O rendimento do contingente feminino também cresceu, tendo chegado a 14% no período considerado (em termos reais), enquanto o dos homens ficou em apenas 4%. No campo educacional, as mulheres já são mais instruídas do que os homens. Entre as que trabalham, elas têm, em média, 11 anos de estudo, ante 9 anos dos homens. O percentual das mulheres que têm curso superior é de 19%, enquanto o dos homens é de 11%. Elas já são a maioria nos programas de mestrado e doutorado. Entre 2000 e 2010, as mulheres dobraram sua participação em cargos de chefia, gerência, diretoria e presidência.

Mas nem tudo são rosas. As mulheres enfrentam dificuldades crescentes. A grande maioria das que trabalham é forçada a combinar os papéis de funcionárias, mães, esposas e donas de casa. Elas gastam no trabalho, em média, 50 horas por semana (contando o tempo de deslocamento) e despendem, em média, 22 horas adicionais nos serviços domésticos, enquanto os homens gastam só 10 horas. Na maioria dos casos, as trabalhadoras se levantam às 5 horas da manhã e dormem à meia-noite. A necessidade de harmonizar as responsabilidades profissionais com as familiares as leva a praticar a “jornada dobrada”. Isso tudo não é novidade. Ocorre, porém, que essa sobrecarga tem se agravado em decorrência da crescente dificuldade para contar com o apoio das empregadas domésticas e do esvaziamento da família extensa, na qual os avós ajudavam a criar os filhos e a administrar a casa.



Obstinação e garra

Sem desmerecer o talento e a criatividade das empreendedoras e executivas que estão no topo da pirâmide profissional, penso que a verdadeira mulher alfa é esta que, além de obstinação, garra e competência, vive um ritmo de trabalho alucinante e que desfruta de baixos salários.

A intensificação do trabalho tem afetado o comportamento das mulheres, a estrutura da família e a própria população. As mulheres de hoje não querem e não podem ter muitos filhos. Em 1990 nasciam 3 filhos por mulher. Hoje, 1,8, com tendência cadente. Isso já tem reflexo na oferta de trabalho: há menos jovens em idade de trabalhar. A pressão salarial cresce. O custo do trabalho sobe mais depressa do que a produtividade. A competitividade das empresas e da economia diminui. A tão decantada era do bônus demográfico está passando mais depressa do que se pensava. A redução da prole é uma imposição da nova realidade do trabalho. O que será do futuro?

Para chegar a um equilíbrio entre trabalho e família, duas transformações parecem imperativas. Os homens terão de colaborar muito mais nas tarefas do lar, como fazem nas nações mais avançadas. Além disso, as instituições que cuidam das crianças e adolescentes terão de se expandir de forma considerável para acomodar os menores em creches e escolas em períodos prolongados.

São dois grandes desafios. O primeiro cai no colo dos homens. O segundo, no do Estado. É isso o que explica, em grande parte, a alta participação das mulheres no mercado de trabalho na Irlanda (64%), na Nova Zelândia (72%), na Finlândia (74%), na Noruega (76%), na Suécia (77%) e na Islândia (81%). O Brasil terá de se preparar desde já para essas mudanças. Ou vamos fazer como Groucho Marx, que dizia: “Por que vou me preocupar com o futuro, se ele não fez nada de bom para mim?”..

* José Pastore é Doutor Honoris Causa em Ciência pela University of Wisconsin, Madison, Wisconsin, USA (1989) Professor Titular pela Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo

** Publicado em O Estado de São Paulo – 26.02.2013



Quem procura, acha!

Um casal foi às compras no shopping, quando, de repente, a mulher procurou pelo marido e notou que ele não estava por perto. Enfurecida, ela pegou o celular e ligou pra ele:

– Amor, como é que você sai assim sem me avisar pra onde vai?

Onde é que você está ?

Calmamente ele explica:

– Querida, lembra daquela joalheria onde você viu um colar de diamantes e se apaixonou por ele, mas que no dia eu não tinha dinheiro pra comprar e disse:

– “Amor, um dia ele será seu!”

Envergonhada pela maneira grosseira com que falou com o marido, ela abriu um sorriso de orelha a orelha, e, com os olhos brilhantes, respondeu, toda melosa:

– Ô meu amorzinho, lembro sim! Claro que estou lembrada!

– Pois então querida – respondeu ele – ESTOU NO BAR AO LADO!



Criatividade

Há muito tempo os chineses tem se revelado um povo muito criativo. Inventaram, por exemplo, o papel, a imprensa, o papel-moeda, o macarrão, a pólvora, a seda e o garfo. Outro dia o presidente Obama acusou hackers chineses de invadir a informática de empresas e de áreas militares americanas para copiar dados. Mas eles não se comparam com habitantes de um país da América do Sul que inventaram a feijoada, a caipirinha, o arrastão na praia e a dinamite em caixas eletrônicos. Cada um inventa o que pode e o que não pode.

Sinceridade

Uma senhora vaidosa pergunta a um senhor sincero:

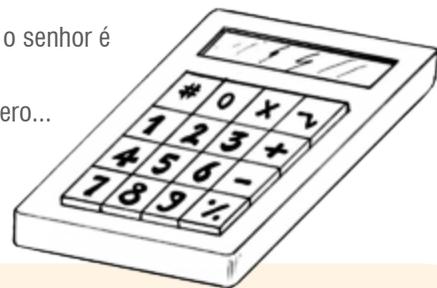
- Que idade o senhor me dá?

- Bem... pelos cabelos, dou-lhe vinte anos, pelo olhar, dezanove, pela sua pele, dezoito, e pelo seu corpo, dezessete anos!

- Hummm, mas como o senhor é lisonjeador!

- Nada disso, sou sincero...

Agora espere que vou fazer a soma.



O culpado

Apesar da falta de evidências, credita-se ao Marquês de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Melo) a primazia pela ideia de se interiorizar a capital do país. Isso ocorreu por volta de 1750. Juscelino Kubitschek deve ter lido isso e inaugurou Brasília em 1961, portanto 211 anos depois.



Os panzers

No início da segunda guerra a Wehrmacht, o exército alemão, colocou em ação a blitzkrieg (guerra relâmpago), que eram colunas de blindados acompanhados de tropas de infantaria, algo que surpreendeu os adversários pelas ações rápidas e vitoriosas. A chave do sucesso eram os blindados Panzers, que teve 9 modelos entre 1939 e 1945 e serviu de plataforma na construção de tanques por outros países.



O primeiro nuclear

O primeiro submarino nuclear foi USS Nautilus, desenvolvido pela Electric Boat Division e lançado em 1954, provando as vantagens da propulsão nuclear principalmente para embarcações militares, sendo o primeiro a cruzar por baixo a placa de gelo do Polo Norte. Hoje, o Nautilus é uma das principais atrações do Historic Ship Nautilus & Submarine Force Museum, na base naval de Groton (Connecticut). Seus sucessores provam o avanço tecnológico ocorrido nesse campo na segunda metade do século 20. O Brasil está construindo seu primeiro submarino nuclear em Itaquí (RJ) com tecnologia francesa.



Legião estrangeira

Atualmente, ela tem cerca de 7 800 soldados divididos em 10 regimentos na França - onde fica a sede da Legião -, na Guiana Francesa, em Maiote (uma ilha do oceano Índico) e em Djibuti, na costa nordeste da África. A Legião foi fundada em março de 1831 pelo então rei da França, Luís Filipe, para ajudar no controle das colônias francesas na África. Aceita alistados de qualquer país, justificando seu nome. No site abaixo você encontra o depoimento de um brasileiro que andou por lá.

<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-e-a-legiao-estrangeira-ela-ainda-existe>



Cossacos

Seu nome significa “Homem livre”, habitaram, a partir do século XV, as regiões entre o Mar Cáspio, o Mar Negro, no Ural, no Turquestão e na Sibéria e foram povos que ajudaram a constituir a Rússia. De uma forma geral, eram constituídos de tribos nômades de camponeses que queriam fugir da escravidão, serviço militar e de pagar impostos. A sua cavalaria era tão eficaz que era invejada por grandes líderes da história, como Napoleão Bonaparte, que disse essa célebre frase: “Os Cossacos são as melhores tropas apeadas que existem. Se eu os tivesse no meu exército, eu conseguiria conquistar todo o mundo com elas!”.



A maior vaia

Irritados com a substituição de Garrincha (Botafogo) por Julinho (Palmeiras) mais de 100 mil torcedores provocaram a maior vaia da história do Maracanã. Na tarde de 13 de maio de 1959 o Brasil enfrentou a Inglaterra em partida amistosa. Mas Julinho passava como queria por seu marcador, chegava na linha de fundo e cruzava para Pelé e Henrique. Marcou um gol na vitória por 2 a 0. Julinho foi aplaudido de pé. Ao final da partida, chorou. As mãos que apedrejam, são as mesmas que aplaudem.



Verdade

Matar um leão por dia é fácil; difícil mesmo é desviar das antas.

Aluguéis



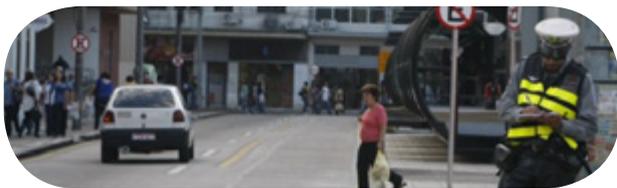
Uma pesquisa mostrou que, em 2012, os imóveis comerciais renderam um aluguel bruto médio de 0,8% ao mês. Com o desconto da taxa de administração imobiliária e de imposto de renda para a faixa mais alta de rendimentos com aluguéis (27,5%), o retorno médio líquido foi de algo como 0,53% ao mês, ou 6,55% no ano. O rendimento supera o rendimento das aplicações de renda fixa comparáveis.

Elas trabalham mais



Para ganhar o mesmo salário que um homem as mulheres precisam trabalhar 59 dias mais do que eles, segundo dados publicados pela Comissão Europeia. Isso significa 16,2% a menos e se deve mais a crise econômica, que afetou alguns setores onde os homens são majoritários como a construção civil, e não tanto por uma melhora da remuneração feminina. E tudo isso de salto alto.

Você é corrupto?



Coordenador da campanha nacional do Ministério Público contra a corrupção o promotor de Justiça Jairo Cruz Moreira afirmou que “muitas pessoas não enxergam o desvio privado como corrupção, só levam em conta a corrupção no ambiente público”. Moreira ajudou a BBC Brasil a elaborar uma lista de dez atitudes que os brasileiros costumam tomar e que, por vezes, nem percebem que se trata de corrupção. **Não dar nota fiscal; não declarar Imposto de Renda; tentar subornar o guarda para evitar multas; falsificar carteirinha de estudante; dar/aceitar troco errado; roubar TV**

a cabo; furar fila; comprar produtos falsificados; no trabalho, bater ponto pelo colega; falsificar assinaturas.

Capuccino tecnológico



Por cerca de R\$ 6,00, com frete incluso, é possível importar da Espanha e provar um capuccino ou leite com chocolate envasado em uma lata de 200ml que se auto-aquece, sem precisar de microwaves ou outra fonte de calor. Ao acionar o mecanismo que propicia o aquecimento, em três minutos é possível consumir a bebida que estará a 40° C. Se não quiser tomar na hora, a lata conserva a temperatura por 20 minutos. O produto está a venda nos supermercados da Espanha, França, Grã-Bretanha, Escandinávia, Estados Unidos e Japão. Num tempo de consumidor ávido por novidades é uma boa estratégia para aumentar o consumo de lácteos, principalmente entre os jovens. A companhia afirma que o material usado na embalagem é 100% reciclável. Os dados são do site <http://www.fastdrinks2go.com>.

Inventário florestal



Equipes de técnicos e especialistas começam a ser deslocadas este ano para a Amazônia, onde terão que mapear as florestas da região em detalhes. Atualmente, apesar de o Brasil ser coberto por 60% de florestas nativas, os dados sobre estas áreas limitam-se a imagens da cobertura vegetal, por satélites, por exemplo. O objetivo do governo é detalhar aspectos como a qualidade dos solos, as espécies existentes em cada área e o potencial de captura e emissão de gás carbônico pelas florestas. **A proposta é que as equipes colem em campo as informações sobre as áreas e analisem todo o material que vai compor o Inventário Florestal Nacional (IFN), que começou a ser construído em 2010.**

Conselho dos produtores de cana-de-açúcar, açúcar e álcool do Estado do Paraná - CONSECANA-PARANÁ

RESOLUÇÃO Nº 12 - SAFRA 2012/2013

Os Conselheiros do Consecana-Paraná reunidos no dia 27 de fevereiro de 2013 na sede da Alcopar, na cidade de Maringá, atendendo aos dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprovam e divulgam o preço do ATR realizado em fevereiro de 2013 e a projeção atualizada do preço da tonelada de cana-de-açúcar básica para a safra de 2012/2013, que passam a vigorar a partir de 01 de março de 2013. Os preços médios do Kg do ATR, por produto, obtidos no mês de fevereiro de 2013 conforme levantamento efetuado pelo Departamento de Economia Rural e Extensão da Universidade Federal do Paraná, são apresentados a seguir:

PREÇO DO ATR REALIZADO EM FEVEREIRO/2013 | SAFRA 2012/2013 - PREÇOS EM REAIS À VISTA

PREÇO DOS PRODUTOS - PVU - SEM IMPOSTOS

Produtos	Mês		Acumulado	
	Mix	Preço	Mix	Preço
AMI	2,30%	46,78	0,79%	45,12
AME	16,42%	41,69	55,52%	45,10
EAC - ME	0,00%	-	2,97%	1.378,86
EAC - MI	37,00%	1.342,29	11,37%	1.277,27
EA-of	0,10%	1.360,57	0,06%	1.260,24
EHC - ME	0,00%	-	5,75%	1.187,44
EHC - MI	42,72%	1.202,85	23,29%	1.105,40
EH-of	1,47%	1.262,86	0,26%	1.155,52

Obs: 1) EAC - ME+MI+of 37,10% 1.342,34 14,39% 1.298,14
EHC - ME+MI+of 44,18% 1.204,84 29,30% 1.121,94

PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	Mês		Acumulado	
	Mix	Preço	Mix	Preço
AMI	2,30%	0,5304	0,79%	0,5116
AME	16,42%	0,47465	55,52%	0,5135
EAC - ME	0,00%	-	2,97%	0,4851
EAC - MI	37,00%	0,4722	11,37%	0,4494
EA-of	0,10%	0,4787	0,06%	0,4434
EHC - ME	0,00%	-	5,75%	0,4360
EHC - MI	42,72%	0,4417	23,29%	0,4059
EH-of	1,47%	0,4637	0,26%	0,4243
Média		0,4608		0,4756

Obs: 1) EAC - ME+MI+of 37,10% 0,4723 14,39% 0,4567
EHC - ME+MI+of 44,18% 0,4424 29,30% 0,4119

PROJEÇÃO DE PREÇO DA CANA-DE-AÇÚCAR - MÉDIA DO ESTADO DO PARANÁ - SAFRA 2012/2013 - PREÇOS EM REAIS À VISTA

PREÇO DOS PRODUTOS - PVU - SEM IMPOSTOS

Produtos	MIX	Média
AMI	0,79%	45,12
AME	55,52%	45,10
EAC - ME	2,97%	1.378,86
EAC - MI	11,37%	1.277,27
EA-of	0,06%	1.260,24
EHC - ME	5,75%	1.187,44
EHC - MI	23,29%	1.105,40
EH-of	0,26%	1.155,52

PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	MIX	Média
AMI	0,79%	0,5116
AME	55,52%	0,5135
EAC - ME	2,97%	0,4851
EAC - MI	11,37%	0,4494
EA-of	0,06%	0,4434
EHC - ME	5,75%	0,4360
EHC - MI	23,29%	0,4059
EH-of	0,26%	0,4243
Média		0,4756

PROJEÇÃO PREÇO FINAL DA CANA BÁSICA R\$/TON 121,9676 Kg ATR

	CAMPO	ESTEIRA
PREÇO BÁSICO	51,93	58,01
PIS/COFINS	-	-
TOTAL	51,93	58,01

Maringá, 27 de fevereiro de 2013

EDUARDO S A QUINTANILHA BRAGA | Representando a Presidente

PAULO ROBERTO MISQUEVIS | Vice-Presidente

Não seja rabugento!

Procure ver o lado bom das coisas ruins. Quem estuda o humor das pessoas a sério afirma que este é maior segredo para viver bem.

“Um indivíduo bem-humorado sofre menos porque produz mais endorfina, um hormônio que relaxa”, diz o clínico geral Antônio Carlos Lopes, da Universidade Federal de São Paulo. Ou seja, quanto mais bem-humorado você está, maior o seu bem-estar e, conseqüentemente, mais bem-humorado você fica. A endorfina também controla a pressão sanguínea, melhora o sono e até o desempenho sexual.

Já o indivíduo mal-humorado fica angustiada, libera adrenalina, tem arritmia cardíaca, mãos frias, dor de cabeça, dificuldades na digestão e irritabilidade. Há algumas coisas que são uma mão na roda para o humor. Por exemplo:

- Iniciar o dia bebendo água e tomando banho. Fazer pelo menos 20 minutos de alguma ginástica pela manhã. Acordar e dormir mais cedo devem ser práticas rotineiras.
- Comer mais frutas frescas, saladas cruas, raízes (cenoura, beterraba, mandioca iname, batatas...)
- Buscar com que o intestino funcione todos os dias, uma ou duas vezes.
- Procurar espaços abertos, pelo menos uma vez por semana, em campos, montanhas, praias. Por mais esquisito que pareça, o ato de abraçar árvores é bastante eficaz para diminuir as tensões. O contato com a madeira e a terra, dizem quem já abraçou, ajuda a drenar e a recarregar as nossas energias. Se um mal-humorado te chamar de louco, drene suas energias nele.
- Cultivar sentimentos nobres como generosidade e solidariedade, pois eles nos limpam, clareiam a nossa aura e minimizam o feio de nossos erros.
- Expandir horizontes, ser maleável a diversos gostos e não se preocupar em ter uma opinião definitiva.
- O trabalho é fundamental para a saúde e a longevidade. Quem trabalha com prazer, fazendo o que gosta, envelhece mais tarde e encontra pouco espaço para lamentar fatos da vida.
- Os amigos têm caminhos, ideias e posturas que ampliam a nossa forma de ver e viver. Já a reclusão fecha horizontes, limita a vida. Cultive amigos.
- Após aborrecimentos, é aconselhável caminhadas e banhos de mar, rio, piscina ou chuveiro. A água descarrega, afaga, relaxa, limpa, às vezes até a alma.
- Faça tudo isso, mas não esqueça: livre-se dos chatos.



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável _____

SISTEMA FAEP



A versão digital deste informativo está disponível no site:

sistemafaep.org.br